Revista Espaço Acadêmico – n. 217 – jul./ago. 2019 – bimestral
ANO XIX – ISSN 1519.6186

Intervenção psicossocial no fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes

DEISE PARULA MUNHOZ*

MARIA ANGELA MATTAR YUNES**

Resumo: O estudo apresenta o desenho, execução e avaliação de uma intervenção psicossocial positiva desenvolvida junto a adolescentes com o objetivo de contribuir para a melhor qualidade das relações entre pais e filhos e promover processos de resiliência em famílias. Participaram 25 adolescentes de uma comunidade que vive em condições de vulnerabilidade social e ambiental de um município do interior do Rio Grande do Sul. As ferramentas de coleta de dados e os resultados da intervenção evidenciaram fortalecimento das interações familiares e indicadores de satisfação com a intervenção como mecanismo propulsor da qualidade relacional na convivência de pais e filhos adolescentes.

Palavras-chave: Intervenção Psicossocial; Adolescência; Família; Parentalidade.

Psychosocial intervention for stronger relationships between parents and adolescents

Abstract: This study presents the design, implementation and evaluation of a positive psychosocial intervention developed with adolescents with the aim of contributing to the best quality of relationships between parents and adolescents with results of processes of family resilience. Participants were 25 adolescents from a at risk community in Rio Grande do Sul. The data collection tools and the intervention results showed that family interactions got stronger and indicated the satisfaction with the intervention and its processes that promote relational quality in families with adolescents siblings.

Key words: Psychosocial Intervention; Adolescence; Family; Parenting.

* **DEISE PARULA MUNHOZ** é Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

** **MARIA ANGELA MATTAR YUNES** é Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Introdução

Nos últimos anos a preocupação com o bem-estar de famílias contemporâneas e o reconhecimento destas enquanto base para o desenvolvimento positivo dos indivíduos, fez com que o contexto familiar se tornasse objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento como a Psicologia, Educação, Saúde, dentre outras. Colocando-se em destaque o campo da Psicologia, sabe-se que os pensadores buscam compreender as mais distintas nuances do grupo familiar, tais como seus arranjos, geometrias e configurações, as práticas educativas, relações com a religiosidade e outros enfoques que fazem com que os membros que a compõem como unidade sejam estudados na sua complexidade. As respostas para tantas questões geram conhecimento científico e modelos teóricos para auxiliar a compreender o funcionamento deste ambiente, em seus mais distintos aspectos (MINUCHIN, 1985; WALSH, 2005). Neste sentido, alguns estudiosos dedicaram pautar seus estudos e práticas na busca por intervenções que pudessem fomentar o fortalecimento de vínculos, do apoio familiar, empoderamento de seus membros, na promoção da resiliência familiar e na saúde (RODRIGO *et al.*, 2010). Suas atuações no cenário das comunidades, tem gerado inúmeras contribuições para a área de Psicologia e da Saúde comunitária, desenvolvendo modelos de atuação nesses campos. De acordo com Ximenes *et. al.* (2017), os modelos mais antigos de saúde comunitária tinham gestão direta do poder público e dos profissionais. O foco estava na doença o que se diferencia deste novo modelo que se sustenta por emergir da própria comunidade com o desenvolvimento de metodologias participativas, numa perspectiva preventiva e positiva com abordagens salutogênicas.

Corroborando com esta assertiva, Saforcada (2010, p.17) menciona que "El paradigma de salud comunitaria no está surgiendo de superestructuras sino del pueblo y, dentro de este, de los sectores más desposeídos, más

marginados". Desse modo, o modelo de saúde aqui proposto visa a apresentar como sua principal característica o protagonismo da própria comunidade que elege um projeto que reflete as necessidades coletivas. Por meio dele, se buscam ações pautadas por novos conceitos de saúde de base popular para o alcance do fortalecimento e equilíbrio psíquico de pessoas, estando em relação direta com a Psicologia comunitária (MOREIRA, 2007). Esse artigo tem como tema norteador o fortalecimento dos participantes em seus contextos, com destaque para os vínculos familiares de qualidade e elos comunitários sólidos enquanto estratégia para a promoção de saúde e bem-estar. A declaração de San Isidro, base do modelo de saúde comunitária do MERCOSUL já enfatizava questões relacionadas ao tema ao afirmar ser necessário enfocar a "particular importância do fortalecimento familiar e do cuidado da saúde e o bem-estar nos seguintes ciclos de vida: a infância, a adolescência e a velhice" (SAFORCADA; SARRIERA, 2011). É consenso que a família é um contexto capaz de fomentar desenvolvimento humano e qualidade de vida e cabe a Saúde comunitária como um campo de estudos, fomentar intervenções promotoras de bem-estar coletivo em indivíduos, grupos e comunidades (XIMENES *et al.*, 2017).

Seguindo essas proposições, a intervenção psicossocial positiva em educação parental, emergiu enquanto elemento catalisador para a prevenção de situações de risco social, desenvolvimento de pertencimento, de identidade, fortalecimento e preservação de vínculos, e para a promoção de resiliência nos indivíduos e nas famílias. A eficácia estará relacionada com a sintonia com o contexto em que as famílias estão inseridas e o apoio social percebido (LORENZO, LOPEZ 2018; GARCIA, YUNES, ALMEIDA, 2016). De acordo com Walsh (2016), o desenvolvimento de relações apoiadoras possui grande potencial para o desenvolvimento de resiliência nos indivíduos. Portanto, vínculos positivos e geradores de bem-estar encorajam suas vidas pois tendem a alimentar o poder de resiliência dos atores sociais. No que tange às famílias, a resiliência familiar é tida enquanto resposta positiva da família a eventos estressores, envolvendo questões como o potencial crescimento pessoal e relacional que pode ser transmutado a partir de uma ou mais adversidades (WALSH, 2016; YUNES; SZYMANSKI, 2001; YUNES, 2013; YUNES *et al.*, 2015). Neste processo, considera-se a família enquanto núcleo capaz de fomentar a resiliência, uma vez que nela podem estar dispostas as relações mais significativas da vida dos sujeitos.

Muitos estudos têm sido desenvolvidos nacional e internacionalmente para trabalhar as relações familiares a partir de orientações e reflexões para os pais e responsáveis. Um trabalho de promoção de práticas de parentalidade protetiva e positiva é a marca de pesquisadores espanhóis e portugueses, dentre estes, estão os programas espanhóis "Crecer felices en familia" (RODRIGO *et. al*, 2008) e "Vivir la adolescencia en familia"(RODRIGO *et. al*, 2010), e os programas portugueses "Tesouro das famílias" (LEIRIA, 2009), e o "Mais família, Mais Criança" (ALMEIDA *et al.,* 2012). De acordo com os pesquisadores, há uma significativa mudança tanto nas práticas parentais, quanto na percepção dos pais em relação a sua importância para o desenvolvimento positivo de seus filhos, após participação efetiva nos programas. Verifica-se ainda diminuição de práticas coercitivas e de negligência (RODRIGO, MÁIQUEZ, MARTIN, 2010). No

Brasil, a partir da aplicação dos Programas espanhóis "Crescer Felizes em família" e "Viver a adolescência em família", em que investigou-se a eficácia de ambos os programas, junto ao público participante, foi constatado melhora no que se refere ao desenvolvimento de competências parentais, no fortalecimento das relações entre pais e seus filhos, e para o desenvolvimento de uma parentalidade positiva (GARCIA, 2012; GARCIA, YUNES, ALMEIDA, 2016; MUNHOZ, 2017).

Diante dessas ideias, a proposta dessa investigação foi inverter ou subverter essa lógica e desenhar uma intervenção que tivesse por meta o desenvolvimento da parentalidade positiva a partir do protagonismo dos filhos, nesse caso, em fase de adolescência. A pergunta inicial foi se intervenções nesse formato poderiam contribuir para o desenvolvimento de relações positivas e dialógicas no contexto familiar. Vale ressaltar que intervenções direcionadas ao apoio e a educação parental, apresentam em seu cerne, distintas metodologias, algumas convergindo com a proposta de saúde comunitária, nas quais se constata uma perspectiva positiva fundamentada e estruturada numa "metodologia experiencial" (MARTIN-QUINTANA *et al.*, 2009). Tal metodologia busca trazer a participação ativa dos atores sociais dando-lhes vez e voz. Buscou-se ainda desenvolver uma postura auto reflexiva, pautada no diálogo para que isso pudesse resultar em melhora da convivência familiar. Neste sentido, a intervenção em educação parental aqui planejada, elaborada e executada amparou-se em propostas validadas baseadas em evidências e com metodologias fortalecidas.

Passos metodológicos para desenho da intervenção

Para que fosse viabilizada a criação e o desenvolvimento da intervenção em educação parental com adolescentes, foram necessários seguir alguns procedimentos:

1. Inserção no contexto onde se pretendia aplicar a intervenção, para conhecer a realidade socioambiental vivenciada pelos adolescentes. Neste sentido, o bairro em que foi aplicada a intervenção, foi visitado previamente. Constatou-se tratar-se de uma área de vulnerabilidade social, pelos relatos de ocorrência de situações de violência, drogadição e pobreza.

2. Reuniões com profissionais atuantes no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), que atendiam adolescentes, para colaboração nas temáticas da intervenção com os adolescentes. Foram discutidas: a) temáticas que seriam mais indicadas para a criação da intervenção; b) estratégias de envolvimento do público alvo; c) locais; d) tempo de duração; e) horários e outras questões de ordem e estrutura.

Sobre a participação dos adolescentes

Foram convidados adolescentes que já participavam do grupo "Convivência e Fortalecimento de Vínculos" (CFV), desenvolvido no espaço do CRAS. Como se tratava de uma turma de 30 adolescentes, foram formadas duas turmas. Os grupos foram formados a partir de suas disponibilidades de horário e da não coincidência com outras atividades.

Elaboração da proposta de intervenção

A intervenção psicossocial positiva foi elaborada com foco na população adolescente e estruturada em 7 módulos. Cada módulo possuía de 3 a 6 atividades

conforme a Tabela 1. Foram realizados um total de 12 encontros semanais em cada grupo, com duração de 2 horas a 2h30min. Todas as temáticas foram construídas de forma atender as particularidades do grupo adolescente. Entretanto, a mola propulsora das reuniões era a relação do (a) adolescente com a família. Para possibilitar envolvimento e participação ativa, estes módulos foram organizados de forma progressiva (de temas considerados mais superficiais a profundos) de modo que os assuntos mais íntimos fossem abarcados pelos módulos finais. O pressuposto era que o participante estaria mais à vontade com o grupo de pares e envolvido com a proposta.

Temas e organização dos módulos:

QUADRO: Programa de Intervenção Psicossocial com Adolescentes

Módulo	Objetivo
Zero – Apresentação	Essa reunião visa estabelecer o contato inicial com o grupo de adolescentes; apresentação da proposta da intervenção e estabelecimento das regras de convívio para o período de desenvolvimento do Programa.
1 – Ser adolescente	Abordagem das questões relativas ao desenvolvimento do adolescente contemporâneo. A passagem da infância para a adolescência, as mudanças em sua constituição (físicas e psicológica), as certezas e as inseguranças, a busca por autonomia, identidade, dentre outras dimensões.
2 – Grupos, relações e valores	As relações entre os adolescentes e os grupos mais proximais: família, vizinhança, escola, amigos, religião, etc... Percepções e sentimentos de respeito, amor, amizade, empatia e outros.
3 – Tempo livre, riscos e cuidados	Atividades em momentos de lazer, formas de diversão, bem como as tentações como as drogas e outras ofertas.
4 - Sexualidade	Temas transversais como família e questões de gênero, sexualidade, gravidez na adolescência, hetero/homossexualismo, aceitação de si mesmo, relacionamentos com parceiros
5 – Uso de tecnologias	O acesso às tecnologias, superexposição, da super conexão, *cyberbullying*, desenvolvimento de relações mediatizadas pela internet, dentre outras.
6 – Construindo o futuro	A importância da família, escola, emprego, profissionalização, busca de oportunidades.
Módulo final	Avaliação da intervenção

Fonte: MUNHOZ (2017).

O primeiro encontro denominado Zero foi destinado ao contato inicial no qual se apresentou a proposta de intervenção e estabeleceu-se as regras de convívio. Nos módulos subsequentes, foram abordados temas de relevância para a realidade dos adolescentes na interface com as relações familiares e questões relativas à convivência em família. O módulo final, destinou-se para avaliação da intervenção, sendo realizada de forma individual.

Instrumentos

Diário íntimo: Ao longo dos encontros, distintos instrumentos foram utilizados, dentre os quais, o "diário íntimo" (MUNHOZ; PALUDO, 2017) que foi entregue para cada um dos adolescentes no primeiro encontro e devolvido ao

final da intervenção. O diário consiste em um "conjunto de folhas, dispostas de forma similar a um diário, em que o participante deve preencher, seguindo as diretrizes propostas nas questões norteadoras".

Questionário sociodemográfico: Para conhecer as características e o perfil do público que estava sendo investigado, foi utilizado um roteiro de questões aplicado no primeiro dia de encontro.

Entrevistas individuais de avaliação da intervenção: No último dia de encontro com os adolescentes, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com a finalidade de avaliar a satisfação com programa.

Entrevista de Follow up: Após 5 meses do término da aplicação da intervenção, foi realizado um último encontro com entrevista individual semiestruturada. Este encontro teve como objetivo investigar se os resultados percebidos pelos participantes no último dia de atividade, ainda eram referidos pelos seguintes indicadores de conteúdo nos relatos: episódios de diálogo, contextos de interação e expressões de aceitação/confiança nos julgamentos dos pais.

Análise de dados

Como método de análise dos dados obtidos, foi utilizada a técnica – "Discurso do Sujeito Coletivo" (LEFÈVRE; LEFÈVRE; TEIXEIRA, 2000). As informações obtidas foram classificadas e categorizadas para dar subsídios ao entendimento de como o grupo se posiciona sobre determinado tema. E ainda, a "Análise de conteúdo" (BARDIN, 2011, p. 38) – um método de análise qualitativa eficaz, uma vez que possibilitou a observação dos dados, sob a organização em categorias, de forma a proporcionar sua interpretação para posterior descrição. Destaca-se que todas as reuniões foram gravadas com a devida autorização dos pais ou responsáveis, e transcritas para posterior análise.

Resultados

Participaram da intervenção, 25 adolescentes, moradores de zonas consideradas em desvantagem social e ambiental pelos gestores do município do Rio Grande-RS. A partir dos resultados obtidos foi possível traçar um perfil dos adolescentes participantes: Eram adolescentes com idades entre 12 a 18 anos (M=14,66), maior parte se autodeclarou negro, estudante, e seu estado civil solteiros. Em relação ao sexo foi equilibrado: 48%, do sexo masculino 52% do sexo feminino. No que se refere ao contexto familiar 47,6% afirmaram residir com mais de 5 pessoas, o que aponta para a possibilidade de famílias numerosas e composta por distintos membros, como avó, tio, sobrinho dentre outros. De acordo com os dados, a mãe é a figura mais presente nas famílias, estando em todas as incidências. A família composta pelas figuras do pai, mãe foi a mais frequentemente citada. 66,67% dos participantes declararam fazer parte de famílias compostas por um casal heterossexual com filhos.

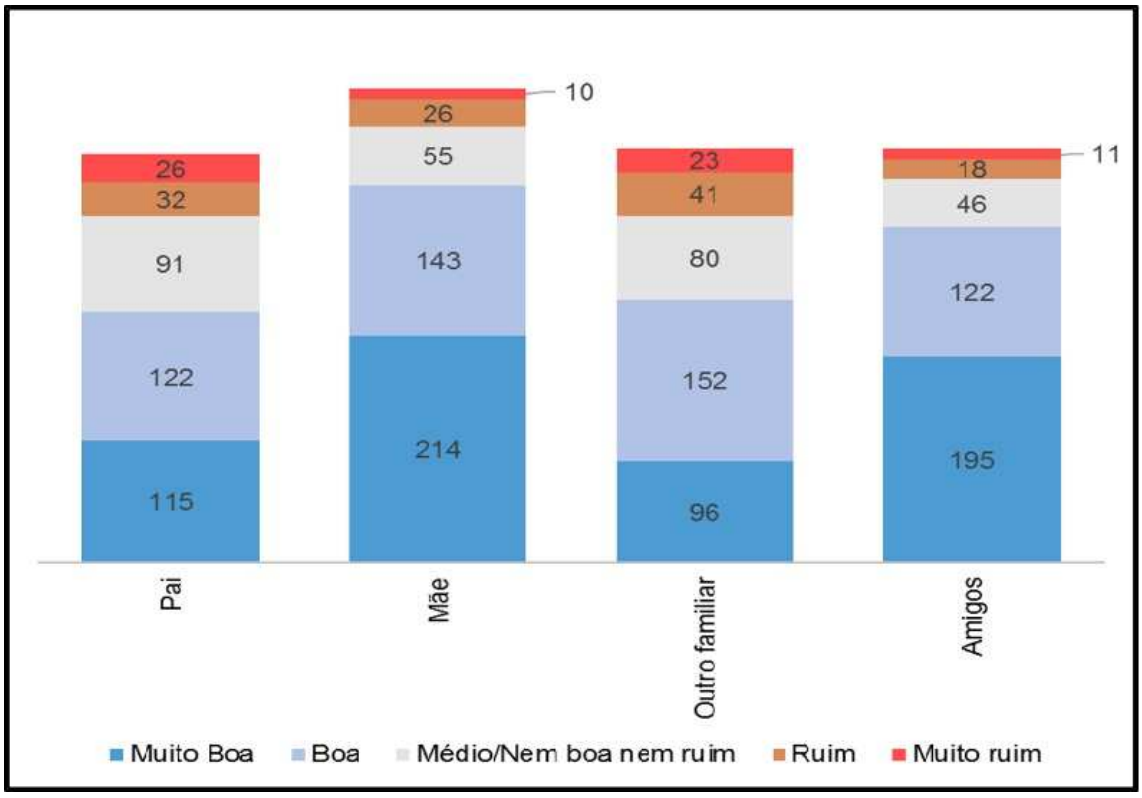
Percepções das figuras parentais pelos filhos adolescentes: as relações familiares na fase inicial da intervenção

A interação entre pais e filhos adolescentes é permeada por inúmeras vicissitudes e influenciada por experiências vivenciadas em diferentes outros microssistemas. Estas interferências fazem com que as relações estabelecidas dentro do contexto familiar resultem em constantes desafios e transformações. É fundamental que o adolescente se sinta amado e que os vínculos sejam positivos para que haja reciprocidade entre o universo dos

adultos e vice-versa (CESTANI, 2016). Relações de reciprocidade, afeto e equilíbrio de poder (BRONFENBRENNER, 1996) auxiliam no processo de transformação dos adolescentes. A maioria dos participantes anunciou dificuldades de aproximação relacional com as figuras parentais. Para a adolescente SH (feminino, 18 anos), a sensação de não se sentir amada ficou evidente em sua fala inicial, ao afirmar que "*minha mãe não gosta muito de mim professora, ela não me beija, nem abraça, e depois que eu fiquei gravida, piorou tudo"*. Para muitos adolescentes, a ausência de demonstrações de carinho e afeto faz com que eles não se sintam acolhidos pelas pessoas de sua rede proximal. Para essa adolescente grávida, a sua situação da gestação já coloca a adolescente em uma situação específica de vulnerabilidade que necessita de mecanismos de proteção eficazes que podem estar na família. Alguns autores defendem a ideia que, dentre outras funções, a família possui a função psicológica de acolhimento afetivo do adolescente, fazendo com que este consiga administrar seus sentimentos e angústias pessoais (SANTANA, CAVALCANTI, SCHULER, 2017). Pode-se cogitar que no contexto familiar de SH isso não está ocorrendo. Para Ruzany *et al.* (2008), durante a adolescência, a família passa por transformações para adaptar-se às mudanças, dentre elas, a autonomia dos filhos e a perda de autoridade dos pais, o que pode gerar nos cuidadores uma dificuldade de comunicação com seus filhos adolescentes, causando o distanciamento entre ambos. São transições ecológicas normativas ou esperadas para as quais as famílias e os adolescentes devem preparar-se para enfrentar com flexibilidade e ajustes necessários (WALSH, 2005; 2016)

Todavia, os adolescentes revelaram dificuldades de relacionamentos não somente com a figura materna, mas distanciamentos relacionais com a figura paterna também. Relatos como "*[...] hoje é sábado ele não trabalha, então ficou o dia em casa (ainda bem que fugi para a casa da minha amiga*" , e *"[...] não vejo ele faz um tempo (graças a Deus)"* (EM, feminino, 14 anos), e ainda, "*Meu pai é um lixo*" (DA feminino, 14 anos), evidenciam que a dificuldade existente nos relacionamentos durante a adolescência, não está direcionada à uma figura específica, mas podem estar presentes tanto na relação com ambos. Portanto, se faz necessário intervenções que focalizem ações para o desenvolvimento e fortalecimento de relações positivas no ambiente familiar como uma unidade de funcionamento. No que se refere ao diálogo e comunicação na família, houve diferenças na percepção da disponibilidade das figuras parentais. De acordo com a maioria dos adolescentes, a mãe está mais aberta às conversas do que o pai. Wagner *et al.* (2002), afirma que embora o contexto familiar tenha sofrido inúmeras transformações ao longo dos tempos, continua sendo vinculado à mulher a função de condução e cuidado dos filhos. A visão positiva da figura da mãe como aquela que se dispõe ao diálogo também se reflete no preenchimento dos diários íntimos, onde a relação dos adolescentes com a mãe aparece como "muito boa" e "boa" em 357 ocorrências. Com o pai, essa relação foi conceituada pelos adolescentes como "muito ruim" em 26 ocorrências e "muito boa" e "boa" em 237 ocorrências, ficando atrás inclusive da avaliação da relação com os amigos, conforme pode ser melhor visualizado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 - Relações diárias do adolescente com os seus familiares e amigos segundo "Diário Íntimo"



FONTE: MUNHOZ (2017).

Referente à percepção negativa das relações com as figuras parentais observam-se aqueles que destacaram o contexto familiar como sendo um ambiente "ruim", "tenso" ou com "brigas". Merece destaque os indicativos da presença de violência, conforme o seguinte relato: "*Lá em casa, lá é UFC*[1] *professora"* JR (masculino, 15 anos) ou também quando TS (feminino, 13 anos) afirma que os pais a agrediram com um cabo de vassoura, ao ponto de quebrar o cabo. A violência intrafamiliar é um fenômeno complexo que ocorre em espaço privado, a que se tem pouco acesso. Alguns autores afirmam que essa violência, que, por vezes, acontece na busca por tentar solucionar conflitos nas relações, faz com que os pais ou responsáveis ultrapassem seu poder disciplinador colocando o filho em situação de abuso e de opressão (PINTO JÚNIOR, CASSEPP-BORGES, SANTOS, 2015). A violência revelada em suas mais distintas facetas, pode ser a causa de distanciamento entre pais e filhos. Para a adolescente TS (feminino, 13 anos) "*eu acho ruim não conversar com meus pais né professora, mas é melhor não conversar do que ser tratada de forma agressiva pelo meu pai, e minha mãe professora nem se fala, ela não dá atenção para mim professora"*. JN (masculino, 13 anos), mencionou ouvir frequentemente do pai: "*porque tu foi nascer[...] e por isso ele me culpa por*

[1] UFC é a sigla de *Ultimate Fighting Championship*, uma organização norte-americana de artes marciais mistas.

tudo, o tempo todo". Para a adolescente IR (feminino, 15 anos), a dificuldade na relação com a mãe dá-se devido: "*ela achar que está sempre certa, então nós discutimos, nós gritamos uma com a outra"*. Diante destes relatos, fica perceptível as dificuldades enfrentadas pelas famílias em solucionar os conflitos diários de forma construtiva e pacífica, através do diálogo.

Percepções das relações familiares pelos adolescentes na fase final da intervenção

Nas etapas finais da intervenção foi possível verificar avanços no que tange às relações estabelecidas entre os adolescentes e seus pais, tanto em relação a atitude dos adolescentes, quanto em relação a postura dos pais com eles. Em relação a atitude dos pais, evidenciaram-se relatos acerca de demonstração da afetividade, do desenvolvimento do diálogo e também de situações relacionadas a concessão de liberdade aos adolescentes. De acordo com IR (feminino, 15 anos):

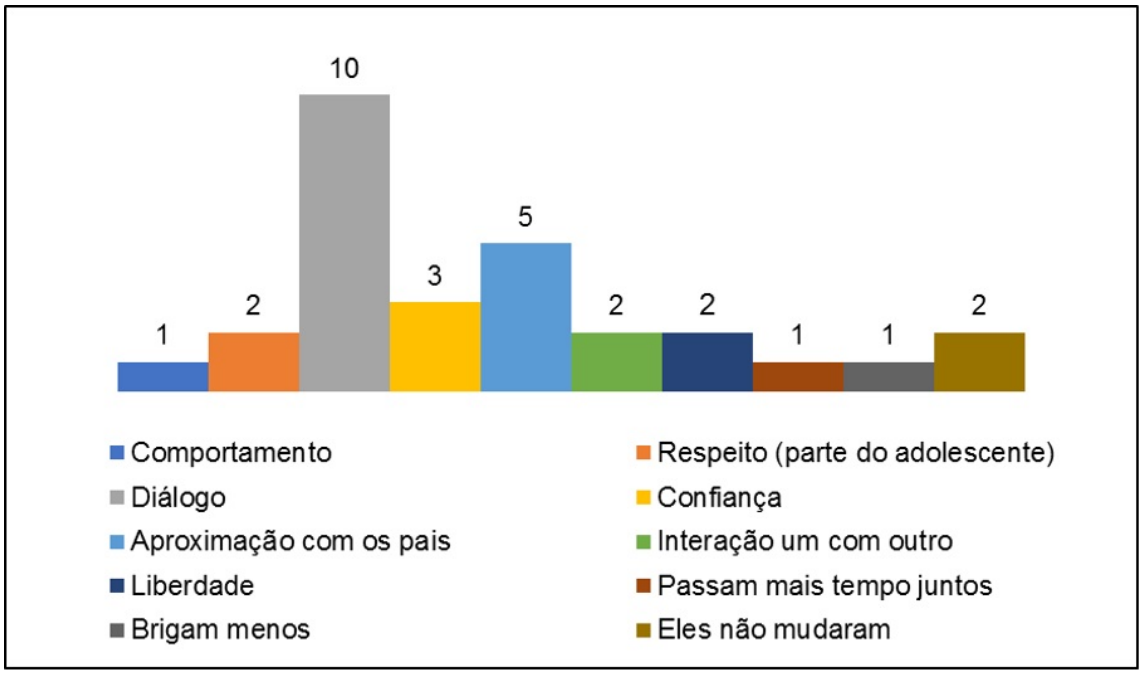
> *[...] Professora estou avaliando minha participação no programa como ótimo [a relação com o pais], porque eles estão os dois me entendendo, eu comecei a contar as coisas para eles, [...]parece que eles estão me dando mais liberdade entendeu [...] estão me deixando fazer mais coisas, não estou fazendo mais nada escondido, tudo que eu fiz de errado tentei acertar, tá muito ótimo, muito ótimo, muito ótimo.*

Neste processo percebeu-se que as mudanças na postura da adolescente podem ter refletido na mudança do comportamento dos pais. Isso reitera a importância da reciprocidade como uma importante propriedade de relações saudáveis (BRONFEBRENNER, 1996). Para Morgado *et al.* (2014), a construção de uma relação positiva entre pais e filhos adolescentes, se dá por meio do diálogo. O diálogo aberto e a escuta sensível definirão o funcionamento protetor no contexto da família e pode fortalecer o sistema familiar como um todo.

Além desse aspecto houve relatos de sensível melhora nas expressões de afeto demonstrado pelos pais. As atitudes do próprio adolescente – como deixar de mentir, como declara a adolescente IR (feminino, 15 anos): *"antes eu mentia professora, dizia que estava na casa de uma amiga e ia para o shopping, só que eu comecei a pensar que se acontece alguma coisa [...] minha mãe fica preocupada comigo, ai eu não minto mais agora"*. podem ter favorecido o clima familiar. Também houve mudanças em relação a respeitar os limites e verificaram-se relatos de mais frequentes interações proximais e atividades conjuntas entre pais e filhos.

Outras mudanças percebidas nas relações com os pais e que foram atribuídas pelos adolescentes à sua participação na intervenção, foram eles terem aprendido a lidar com a família e procurar ou ter iniciativa de conversar mais com os pais. Outro ponto de aproximação destacado pelos participantes foi atribuído ao fato de saírem menos e ficarem mais com a família. Práticas de autorreflexão, ou seja, os adolescentes destacaram conseguirem perceber quando estão errados, e ver os dois lados foi mencionado pós-intervenção. Todavia, foi após 5 meses da intervenção (*follow up*), que ficou destacado o estabelecimento de mais confiança e diálogo, sendo esse último, percebido como o principal fator de melhor convivência, conforme o seguinte gráfico:

GRÁFICO 2 - Principais mudanças ocorridas nas relações familiares, após a intervenção



FONTE: MUNHOZ (2017).

No decorrer da intervenção, muitas mudanças nas relações entre pais de filhos adolescentes foram sendo observadas, mas, sumariamente pode-se dizer que a intervenção possibilitou uma aproximação maior entre as figuras parentais e seus filhos adolescentes. Os relatos dos participantes apontaram para um realinhamento negociado dos papéis dentro da família, por meio do diálogo e da afetividade. Uma construção pautada por ambos os lados. Com o passar de 5 meses da intervenção (*follow up*), a adolescente EM (feminino, 14 anos) que mencionou inicialmente problemas de relacionamento com o pai, quando questionada sobre a relação familiar, relatou melhora significativa, reforçando que "*estamos mais juntos, mais próximos*", a adolescente destacou ainda *que*

> *percebo que ele está querendo ficar mais próximo, que estamos querendo ficar mais juntos, interagir mais um com o outro, nós praticamente nem nos falávamos, agora sentimos vontade de interagir mais um com o outro, conversar, brincar.*

A progressiva interação com o pai, e o desenvolvimento de uma relação mais dialógica potencializa o desenvolvimento de uma relação saudável. A relação dialógica está para além de uma simples conversa, "é um estar com o outro de forma plena, é olhar, perceber e procurar entender quais são as necessidades do outro" (SILVA, 2015). Nesta perspectiva, fica evidente no discurso da adolescente SH, que houve uma mudança na forma com que esta percebia algumas questões em sua relação familiar, bem como, o progresso para uma postura mais empática e reflexiva. Em seu discurso no grupo, no tocante a atitude de alguns pais de outros adolescentes, SH destacou que era preciso observar, que muitas vezes a atitude dos pais era reflexão da criação que tiveram. Essa mudança de comportamento manifestada em outros

momentos pela adolescente, fez com que ela e a mãe se aproximassem, realizassem tarefas em conjunto, como assistir filmes, tomar chimarrão e conversar sobre o futuro. Essa mesma adolescente, após 5 meses de término da intervenção (*follow up*), avaliou que a participação na intervenção foi importante para a melhoria de sua relação com a mãe, afirmando que *"[...] a gente conversa mais"*.

Além destes exemplos, todos os adolescentes demonstraram a melhora significativa nas relações com seus pais e/ou responsáveis, como consequência da intervenção. Conforme destaca TI (feminino), *"aprendi a interagir com a família [...] ah se eu preciso falar com alguém, mais não sei com quem, mas aí lembro que tenho meus pais do meu lado, aí eu pego e vou lá e converso com a minha mãe"*. Contudo, esse resultado parece vinculado às reflexões possibilitadas pelos encontros da intervenção e pela consequente mudança de atitude dos adolescentes. Tais transformações alteraram a postura dos pais em relação a eles, fortalecendo as interações familiares promovendo saúde relacional e resiliência no ambiente familiar.

Considerações finais

Estudar as relações de adolescentes e seus responsáveis, bem como as particularidades das mesmas é tarefa de extrema relevância, pois oportuniza um olhar direcionado ao contexto familiar com suas complexidades. Aprofundar os conhecimentos acerca de questões relacionais e desenvolvimento de intervenções nesse ambiente é tarefa de muitos campos de investigação. A presente intervenção perpassou por inúmeros processos até sua concretização, desde o desenho, elaboração, aplicação e posterior avaliação. Nesse sentido, uma intervenção que emergiu da realidade dos investigados, fez com que fosse potencializada as capacidades de reflexão e crítica dos participantes. Estes evidenciaram relatos acerca de mudança nas ações e percepções das relações familiares, principalmente com pais e mães.

Ainda que este estudo seja uma aplicação piloto num cenário social específico, os resultados apontam para sua relevância no desenvolvimento de relações positivas e dialógicas no contexto familiar. Diante dos achados, pode-se afirmar que as intervenções psicossociais em educação parental não devem ser focadas apenas nas competências parentais, mas é de extrema importância que os adolescentes protagonizem o fortalecimento das relações familiares. É possível, portanto, destacar a premência dessas ações no âmbito das políticas públicas, de modo a fomentar e consolidar o desenvolvimento de ações de parentalidade positiva, com vista à promoção de vínculos familiares saudáveis, uma vez que ações como essas, cumprem o papel de fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes.

Referências

ALMEIDA, A. M. T. *et al.* Parent education interventions: Results from a national study in Portugal. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011. p. 38.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CESTANI, I. A. **Adolescência**: tentando compreender o que é difícil entender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

GARCIA, N. M. **Educação Parental**: Estratégias de Intervenção Protetiva e as Interfaces com a Educação Ambiental. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, 2012.

GARCIA, N. M.; YUNES, M. A. M.; ALMEIDA, A. M. T. Educação parental e pedagogia social: avaliação de uma proposta de intervenção. **Educação (Porto Alegre)**, v. 39, n. 1, p. 94-104, jan./abr. 2016.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C; TEIXEIRA, J. J. V. **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LEIRIA (Portugal). [2009]. **Programa Tesouro das Famílias**. Disponível em: <http://www.cm-leiria.pt/pages/430>. Acesso em: 25 abr. 2019.

LORENZO, M. A.; LÓPEZ, M. J. R. **Efectos del apoyo social y de las características del barrio en los resultados del programa Crecer Felices en Familia**. *In*: Actas del V Congreso Internacional en Contextos Psicológicos, Educativos y de la Salud. vol. I. Madrid: SCINFOPER, 2018.

MARTIN-QUINTANA, J. C.; MÁIQUEZ CHAVES, M.ª L., RODRIGO LÓPEZ, M.ª J., BYME, S., RODRÍGUEZ RUIZ, B., RODRÍGUEZ SUÁREZ, G. Programas de educación parental. **Intervención Psicosocial** [online], v.18, n. 2, p. 121-133, 2009. ISSN 1132-0559.

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of family therapy. **Child Development**, v. 56, 289-302, 1985.

MORGADO, L. V.; ANDRADE, L. C.; SANTOS, A.; NREZI, J. **Ciclo vital da família**: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente., *In.*: III Congresso Internacional de Ciência, 3. Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. [*s. l.: s. n.*], 2014.

MOREIRA, A, E, M, M. **As trilhas do desenvolvimento local e comunitário no projeto Cirandas da vida**: um enfoque da psicologia comunitária. 2006, 115 p. Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Ceará, 2006. Disponível em: <https://nucomufcsite.webnode.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/monografias/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MUNHOZ, D. P. **Parentalidade**: fortalecimento das relações entre pais e filhos adolescentes. 2017. 294 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011556.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MUNHOZ, D. P.; PALUDO, S. S. Diário íntimo: Um instrumento complementar para investigação com jovens. *In.*: ROSA, E. M.; DIAS, A. C. G. (Orgs.). **Metodologias de Pesquisa e Intervenção para Crianças, Adolescentes e Jovens.** Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. ISBN: 9788577723461.

PINTO JÚNIOR, A. A.; CASSEPP-BORGES, V.; SANTOS, J. G. **Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil**. Cadernos Saúde Coletiva, v. 23, n. 2, 2015.Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v23n2/1414-462X-cadsc-23-2-124>. Acesso em 06 abr. 2019.

RODRIGO LÓPEZ, M. J.; MÁIQUEZ CHÁVEZ, M. L.; BYRNE, S.; RODRÍGUEZ RUIZ, B.; MARTÍN QUINTANA, J. C.; RODRÍGUEZ SUÁREZ, G.; PÉREZ PÉREZ, L. **Crecer felices en família**: um programa de apoyo psicoeducativo para promover el desarrollo infantil. Canarias, Espanha: Dirección General de Acción Social, Consejería de Sanidad y Bienestar Social, Junta de Castilha y León, 2008.

RODRIGO LÓPEZ, M. J.; MARTÍN QUINTANA, J. C.; MÁIQUEZ CHÁVEZ, M. L. **Vivir la adolescencia en família**: programa de apoyo psicoeducativo para promover la convivencia familiar. Toledo: Junta de Comunidades de Castilla La Mancha, 2010. (Circulação restrita)

RODRIGO, M. J; MÁIQUEZ, M. L; MARTÍN, J. C. **La educación parental como recurso psicoeducativo para promover la parentalidad positiva**. Madrid: Federación Española de Municipios y Provincias, 2010.

RUZANY, M. H.; COELHO, C. C.; PEPE, A.; AQUINO, J. H. W.; CANTINHO, H. S.; LEIS, L. B.; SILVA, R. B.; LIMA, R. A. Comunicação entre a família e seus filhos adolescentes: construindo uma relação dialógica. **Adolescência & Saúde**, 2008, v. 5, n. 1. p. 29-38.

SARFOCADA, E. Acerca del concepto de Salud Comunitaria. **Revista IT**, Montevideo, v. 1, n. 1, p. 7-19, 2010.

SAFORCADA, E. T., SARRIERA, J. C. **Saúde comunitária**: conhecimentos e experiências na América Latina. Porto Alegre: Sulina, 2011. 263 p.

SANTANA, S. M.; CAVALCANTI, R. P.; SCHULER, E. Terapia Cognitivo Comportamental para familiares de dependentes químicos. *In.*: NEUFELD, C. B. *et al.* (Orgs.). **Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental**: Ciclo 4. Porto Alegre: Artmed, 2017. v. 1. p. 91-124.

SILVA, R. V. B. Os Conflitos na Fronteira de Contato entre Pais e Filhos Adolescentes. **Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar** [online], 2015, v. 12, n. 22, p. 53-66. ISSN 1807-2526.

XIMENES, V. M.; LEMOS, E. C.; SILVA, A. M. S.; ABREU, M. K. A.; ESMERALDO FILHO, C. E.; GOMES, L. M. Saúde Comunitária e Psicologia Comunitária: suas contribuições às metodologias participativas. **Psicologia em Pesquisa**, UFJF, jul.-dez. 2017, v. 11, n. 2, p. 4-13.

YUNES, M. A. M. **Resiliência familiar e parentalidade positiva**: a aplicação do modelo experiencial em Programas de Educação Parental. 2013. (projeto de pesquisa contemplado no Edital Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, Chamada 43/2013, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – CNPq. Circulação restrita).

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. *In.*: TAVARES, J. (Ed.) **Resiliência e Educação**, São Paulo: Cortez, 2001. p.13-42.

YUNES, M. A. M.; PIETRO, A. T.; SILVEIRA, S. B.; JULIANO, M. C.; GARCIA, N. M. Um educador para proteger do risco e tricotar a resiliência: o profissional da educação como agente de proteção e de promoção de resiliência. *In.*: CABRAL, S.; CYRULNIK, B. **Resiliência**: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. [Curitiba]: Editora Roca, 2005.

WALSH, F. Resiliência Familiar. *In*: WALSH, F. **Processos normativos da família diversidade e complexidade**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 400-401.

Recebido em 2019-07-15
Publicado em 2019-09-11